

## Universidade e Educação Básica: Uma Nota Sobre Uma Vocação Adormecida

*Francisco Caruso*

*Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas/CNPq*

*Rua Dr. Xavier Sigaud 150, 22290-180, Rio de Janeiro, Brasil*

*Instituto de Física, Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

*R. São Francisco Xavier 524, 20550-013, Rio de Janeiro, Brasil*

A História nos mostra que as Instituições de Ensino e Pesquisa são, tradicionalmente, aquelas que mais sofrem nos períodos de crise econômica. Nos países em desenvolvimento isto é ainda mais evidente, e suas conseqüências mais desastrosas. Na América Latina, em particular, “*o sistema científico e tecnológico está sendo considerado apenas como um setor a mais do aparelho burocrático do Estado, a ser reduzido com vistas ao equilíbrio fiscal ...*” (ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA AMÉRICA LATINA, 1990). Infelizmente, a realidade deste parecer — emitido, em 1990, pela ACAL — vem sobrevivendo a vários governos e, ainda hoje, verifica-se sua veracidade em toda a América do Sul. O tratamento dispensado pelas autoridades ao *sistema educacional* é essencialmente o mesmo; com o agravante de que as verbas para a Educação Básica são, freqüentemente, muito inferiores às destinadas ao Ensino Superior, como ocorre, por exemplo, no Brasil.

O passo seguinte deste projeto — que tão cinicamente nega a importância do *Saber* para o bem estar social e desenvolvimento de uma Nação — é a tendência de substituir o Estado como principal financiador da Educação e da Ciência (CARUSO, 1990). Passa-se, então, a difundir a idéia de que o desenvolvimento de um país pode ser alcançado negligenciando-se a *Educação* e a *Ciência Básica*, em prol do *analfabetismo* e da chamada *Ciência Aplicada*, que, via de regra, significa apenas a importação de *know how* e de produtos industrializados (CARUSO, 1991).

Não podemos, obviamente, aceitar que o Ensino, as Ciências Básicas e a Tecnologia sejam tratados como atividades que possam ser postergadas, até que sobrevenham tempos melhores. Acontece que não basta a comunidade acadêmica ter esta consciência; é preciso que esta consciência ultrapasse os limites da Universidade e se difunda amplamente na sociedade. Mas como?

Em primeiro lugar, é preciso que a própria Universidade se dê conta de que o que pode um dia ter sido uma mera divisão administrativa entre atividades de *Ensino*, *Pesquisa* e *Extensão* há muito transformou-se em uma grave cisão interna, cujo impacto sobre a formação dos alunos é enorme. Por exemplo, na maioria das Universidades onde há *Pós-Graduação*, é bastante freqüente a criação de colegiados de docentes/pesquisadores que, muitas vezes, tendem a dedicar-se apenas à pesquisa e às atividades de pós-graduação. O afastamento destes professores dos cursos básicos e, principalmente, da *Licenciatura* priva os alunos e futuros professores de um importante contacto, desde os primeiros anos do curso, com a pesquisa.

Em segundo lugar, a crise no ensino básico não se limita à falta de verbas e aos baixos salários dos professores. Uma parcela expressiva desta crise advém da vertiginosa queda do nível da formação dos professores nas últimas décadas e do descaso frente a esta constatação (CARUSO, 1995a). A Universidade não pode continuar alheia a este fato. Estamos convencidos de que o limiar do séc. XXI — o século *da globalização do planeta* — é o momento dela resgatar seu compromisso maior com a *Educação Básica*. Para isto é imprescindível: (i) reestabelecer a participação dos professores/pesquisadores em todas as atividades de magistério a nível dos cursos básicos e de orientação acadêmica dos alunos; (ii) reavaliar e reestruturar todos os cursos de Licenciatura, atualizando seus conteúdos programáticos específicos e libertando-os, finalmente, de todas as distorções, vícios e danos trazidos e cultivados pela onda de desvalorização da Cultura e do Saber<sup>(1)</sup> (CARUSO, 1995b). Os currículos atuais ainda estão fortemente impregnados da idéia equivocada de que o fundamental é ensinar a didática ao professor, em detrimento do conteúdo específico de cada área. Na verdade, para que o professor de primeiro e segundo graus possa exercer sua verdadeira vocação de *Educador*, as Escolas Normais e as Universidades devem oferecer a ele muito mais do que uma especialização didática. Parafraseando EINSTEIN (1953), “*é preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem*”, e uma condição *sine qua non* para que isto ocorra é o simultâneo reestabelecimento do contacto entre jovens e pesquisadores, desde o primeiro ano da graduação, e do bom nível de formação do professor.

Vemos, em algumas universidades brasileiras, uma manifestação espontânea, muito

---

<sup>(1)</sup> No Brasil, este ideal foi sintetizado na chamada *Licenciatura Curta*; desastrosa tentativa brasileira de formar professores nas universidades com um curso de apenas dois anos de duração e com currículos descabidos.

positiva, de pesquisadores e professores do terceiro grau, no sentido de efetivamente contribuir na busca de soluções para a melhoria da qualidade do ensino básico no país, e sonhamos com a disseminação desta vontade em toda a América do Sul. Organização de cursos de reciclagem de professores, visitas de professores e alunos de Segundo Grau aos laboratórios das Universidades, ida de pesquisadores às escolas de ensino básico para proferirem palestras de divulgação científica (LEITE LOPES, 1995), publicação de revistas de divulgação científica de bom nível — como a *Ciência Hoje* no Brasil e na Argentina — e publicações de livros para-didáticos são alguns exemplos de iniciativas que devem partir das Universidades. Esperamos, agora, que os profissionais ligados à área de ensino básico encarem-nas como uma motivação externa para que se promova uma ampla reformulação dos currículos de Licenciatura e da filosofia de ensino básico. Difundir a consciência de que a eficácia dessas iniciativas seria muito maior se acompanhadas da busca de uma profunda reintegração das atividades de *ensino, pesquisa e extensão* nas Universidades e da reformulação dos currículos de Licenciatura é uma tarefa que pesquisadores, professores, sociedades científicas, secretarias de educação, sindicatos de professores — e a própria mídia — devem assumir.

**BIBLIOGRAFIA**

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA AMÉRICA LATINA, 1990. “Declaração” publicada in *Ciência e Cultura*: v. 42, n<sup>o</sup> 8, pp. 617–18, São Paulo.
- CARUSO, F., 1990. “Reflexões sobre Ciência, Tecnologia e o papel da Universidade em um País em Desenvolvimento”. *Ciência e Sociedade*: CBPF–CS–001/91, CBPF, Rio de Janeiro.
- CARUSO, F., 1991. “Science and Technology in Brazil: Where are we heading for?”. *Ciência e Cultura*: v. 43, n<sup>o</sup> 6, p. 406. São Paulo.
- CARUSO, F., 1995a. “Um Momento para Repensarem a Licenciatura”. *Jornal Nação Brasil*: Ano 2, n<sup>o</sup> 63, p. 6. Rio de Janeiro.
- CARUSO, F., 1995b. “Em Defesa da Licenciatura”. *Scientia*: v. 6, n<sup>o</sup> 1, pp. 93–8. São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- EINSTEIN, A., 1953. *Mein Weltbild*. Zurich, Europa Verlag. Tradução em língua portuguesa de DE ANDRADE, H.P., 1981. *Como Vejo o Mundo*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 213 p.
- LEITE LOPES, J., 1995. “Um Programa da SBPC–RJ: a Ciência Vai à Escola”. *Ciência e Sociedade*: CBPF–CS–010/95, CBPF, Rio de Janeiro.